

Caderno de EDUCAÇÃO FÍSICA

ESTUDOS E REFLEXÕES

v 4 - N° 7 - 1° SEM 2002

PÁG. 67 A 72

MADUREIRA, A. S. Revistas de Educação Física. **Caderno de Educação Física: estudos e reflexões**, Marechal Cândido Rondon, v, 4, n. 7, p. 67-72, 2002.

RECEBIDO EM: 00-00-0000

ACEITO EM: 00-00-0000

PONTO DE VISTA

REVISTAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

MAGAZINE IN PHYSICAL EDUCATION

Alberto Saturno MADUREIRA

*Professor Associado do curso de
Educação Física da UNIOESTE*



PONTO DE VISTA

RESUMO: Este ponto de vista busca trazer à tona a discussão da forma de avaliação dos periódicos brasileiros e a sua função social.

UNITERMOS: periódico, revista, publicação

ABSTRACT: The purpose this point view was discussion about way evaluation of magazine in Physical Education and his social function.

KEY WORDS: journal, magazine, publication

Utilizando-me de semelhante recurso que a revista *Veja* recorre, em seu diálogo com o personagem “Arc”, o marciano, irei relatar parte de uma conversa de minha parte com o Peter Pan, aquele menino da Terra do Nunca (das histórias infantis para quem não sabe). Isto porquê, através da metáfora, as sensibilidades poderão ficar menos suscetíveis de ira, zanga ou cara feia. Apesar da formação em Educação Física penso que muito do que iremos conversar (eu e o Peter Pan) serve para muitas outras áreas. Desta forma, irei apresentando tópicos e tentando manter um diálogo referente ao mesmo.

Bem, por considerar esta publicação (Cadernos de Educação Física da UNIOESTE - sem as honrarias de “notas ou conceitos” pelos órgãos oficiais de avaliação) um periódico sério, dentre tantos outros existentes no Brasil, talvez por fazer parte do Conselho Consultivo e ter um maior acesso ao Editor (sem privilégios particulares) foi que submeti inicialmente este Ponto de Vista para que venha a se fazer uma reflexão ainda maior acerca das questões que pontuarei.

Cabe salientar que minha preocupação não é se este periódico é uma “NIKE” ou uma “ADIDAS”, ou seja se tem ISBN (International Standard Book Number), se está registrada no LILACS (Literatura Latino americana e do Caribe em Ciências da Saúde), etc. e tal, pois tem muito “Kichute” e “Conga” no mercado que parecem mais resistentes e eficientes que muitos destes de “marca”.

Minha reflexão começa da seguinte forma: por quê publicar numa revista que não tem conceito pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior)? Sabemos que no cômputo final, após anos de trabalho a fio, o artigo aqui publicado valerá pouco mais que o valor da assinatura da revista ou nem isso. A não ser que haja uma tabela paralela de reconhecimento que sirva para as avaliações de pós-graduação e outra para ascensão na carreira do magistério ou algo com a finalidade de promoção por tempo de serviço é que poderá valer alguns “tostões” a mais. Contudo, mesmo sem “nota”, “conceito”, ou algo que o valha, este como alguns outros periódicos representam o anseio de pesquisadores na divulgação dos seus trabalhos. Por isso eu pergunto: tem estes periódicos (sem conceito) cumprido com o seu papel pedagógico-social de levar à comunidade os resultados dos trabalhos realizados? - Penso que sim e vou além, no mesmo nível que muitos classificados como “B”. Aliás, no Brasil, na Educação Física, parece-me que não havia nenhum periódico com o conceito “A”. Isto me parece

ser sério, pois o que levou a não se ter nenhum periódico com o conceito “A”? Muitas podem ser as respostas que prefiro nem me arriscar a pontuar para que não venha melindrar nenhum *Curriculum Vitae* mais sensível. Por outro lado, vejo que muitos nomes que fazem parte da revista conceito “B” ou “C” também fazem parte das “ _ “ (sem nota).

Vejo ainda outra situação onde alguns colegas são extremamente rigorosos na pontuação dos *Curriculum Vitae*. Quando a publicação é feita em cadernos de Educação Física ou algo semelhante a pontuação é bastante diferenciada das similares em revistas que detêm um conceito “A” (“Azão”), entretanto, são cadernos que possuem um corpo editorial e um corpo de consultores, com um detalhe: todos os consultores são doutores. Aí volto a me perguntar: existe categoria de doutores? - Pode haver quem diga que a exigência e o nível dos artigos são diferentes das revistas de “marca”. Me permitam discordar, mas não sei se por ética ou por falta dela, ao ler algumas revistas ocorre algo que falo todo início de ano letivo aos alunos na disciplina de medidas e avaliação: “estamos constantemente no nosso dia a dia, medindo, testando e avaliando, seja o carro novo, o meia boca ou um fusquinha, todos passam pelo nosso crivo, quando o assunto é carro”. Pois bem, ocorre o inevitável, comparar os artigos da revista “X” com os da revista “Y” e esta com outras e o que tenho verificado? - Que uma marca “Conga” tem feito o papel de uma “Adidas” e o pior é que se fosse alguma exceção à regra tudo bem, mas não é. Portanto, aqui fica um primeiro ponto a ser salientado para que seja refletido e que, no mínimo, se pare de achar que isto não está acontecendo.

Por já ter iniciado a exposição das minhas idéias tomando, por exemplo, o próprio periódico, acabei deixando de alertar aos extremamente suscetíveis que não tenho por vaidade querer solucionar os problemas que estarei expondo, apenas pedir a coerência nas atitudes acadêmicas para que não nos tornemos concorrentes do Capitão Gancho. Para alguns quando não dá para ser mocinho (Peter Pan), a opção é ser pirata.

Recentemente, fui tomado de surpresa ao sair as “avaliações” dos periódicos pela CAPES. Não quero e nem pretendo desmerecer o trabalho de quem quer que seja, mas caro pesquisador, dizer que a Revista da FIEP é conceito “A” é no mínimo brincar com as minhas limitações no oeste do Paraná. O pior é que muitos falam e talvez alguns até tenham diarréia, mas acovardam-se, acomodam-se e acabam se tornando cúmplices da depravação que esta ficando esta avaliação. Não estou desmerecendo esta revista, apenas gostaria de enaltecer a tantas outras que da mesma

forma cumprem o seu papel, sem o mesmo padrão de reconhecimento. Independente da forma como esses periódicos são avaliados penso que haja menos rigor que para classificação de escolas de samba de carnaval. Que eu não sou nenhum publicador eminente na área não precisa me dizer, pois penso que ainda consigo me enxergar, contudo como leitor tenho procurado estar atento. Respeito as pessoas que fazem parte do periódico citado, sobretudo pela garra de convencer a CAPES de que a nota por mérito e merecida (pleonasma proposital) é “A”, mas por outro lado sinto-me afrontado quando os cadernos de Educação Física, publicados em minha instituição, bem como outros nesta linha, são considerados como um medicamento “genérico”, de baixo valor quantitativo. Não são dignos, como as revistas “C” de serem aceitos para contar pontuação no currículo de um professor de Pós-Graduação Stricto Sensu. Volto a repetir, dentro da minha limitada visão isto me cheira a esquizofrenia. Pura fantasia de se achar melhor, pois pensam que os artigos publicados nos diversos periódicos são como gasolina (comum/azul) que se pode emitir um controle de qualidade. Bem sei que muitos colegas e talvez até mesmo alguns amigos irão repudiar este ponto de vista. A estes com todo o carinho e respeito só posso dizer: você está contaminado pelo sistema (esquema). Não tenho a pretensão de querer fazer currículo em cima deste texto para me promover gerando a polêmica, até mesmo porque este periódico nem “A” é, e onde estou não tem mestrado e nem pretendo participar deste tipo de avaliação para saciar o meu egolias (ego + Golias). Entretanto, pelo respeito ao trabalho que considero de extrema seriedade e profissionalismo é que invisto e acredito no raio de ação de sua contribuição. Não penso que esteja me tornando mais um teórico da Educação Física, sou apenas mais um professor que eventualmente consegue alguns resultados na simplicidade dos trabalhos que realizo. Por outro lado, onde estão os teóricos e críticos numa hora destas? Quem sabe concordando com o padrão aí posto.

Fica a pergunta: quanto custará para publicar nas conceituadas revistas “A” que permitem a docência nos cursos de mestrado?

Aliás, recentemente conversando com um professor que coordena uma rede (várias listas) de discussão, em torno de 15 mil pessoas (coisa pouca) que me disse não ter currículo para dar aula nos programas de mestrado segundo a avaliação que é feita atualmente, pois suas publicações não têm atingido os níveis desejados por seus (nossos) pares. Como diria o apresentador de telejornal Boris Casoy: “isto é uma vergonha”, é

claro que para quem está no esquema disparate é o que eu estou dizendo.

Quero admitir que este ponto de vista não apresenta uma contribuição efetiva na pesquisa e na pós-graduação, mas pode alcançar o pesquisador e o pós-graduando para que revejam a coerência do que se propõem e o que oferecem. Fala-se tanto em Educação, Cidadania, Ética e a dúvida permanece: deve-se falar ou calar-se?

Este ponto de vista pode ser complementado no meu ensaio: “Do Científico para o Empírico”, publicado em julho de 2001 ou discutidos via internet pelo endereço:

amadureira@certto.com.br ou madureira@unioeste.br.

Estou aberto para críticas e trocas de idéia.